

Spínola caiu em armadilha de jornalista?

Jornalista alemão preparou uma armadilha ao ex-general Spínola e obteve sensacional reportagem que a "Stern" publicou. Um advogado alemão testemunhou o diálogo. Dois ajudantes de Spínola e a sobrinha viajaram com o ex-presidente.

O semanário alemão "Stern" insere sensacional reportagem na qual anuncia que Spínola teria efectuado uma visita secreta à Alemanha, a fim de obter armas e dinheiro para um golpe de estado em Lisboa.

Novamente o ex-general passa por ingénuo a ponto de cair no estratagemma de um jornalista, que fingiu representar uma organização de direita. Um advogado de Colónia contou à "Reuter" ter assistido à conversa entre Spínola e o jornalista Gunther Wallraff.

A revista "Stern" afirma que publicou a transcrição da conversa gravada entre o jornalista e o ex-presidente. Este teria explicado que as armas poderiam ser desembarcadas no Algarve, onde a sua gente "tem uma solução para o problema" ou ainda, segundo o ex-general "directamente através do alto comando das forças armadas.

O advogado de Colónia, dr. Georg Meinecke, membro do Partido Liberal Democrático (FDP), acrescentou à "Reuter" que Spínola se serviu do nome "General Walter" quando voou para a Alemanha, ido da Suíça, onde vive exilado.

No Park Hotel, em Dusseldorf, confirmou-se que dois ajudantes de Spínola, José Vale Figueiredo e Luis Oliveira Dias, permaneceram no hotel de 24 a 26 de Março. Por sua vez, a "Stern" insere a lista das armas pretendidas, a qual teria sido entregue a Wallraff pelos referidos ajudantes, de que constavam 6000 carabinas e metralhadoras ligeiras, 350 morteiros e 10 milhões de marcos em dinheiro. Spínola teria dito que as armas e munições poderiam ser aerotransportadas, consignadas às Forças Armadas ou à Guarda Nacional (Republicana?)

A reportagem da "Stern" inclui fotos do ex-general ao lado de Wallraff e da sua assistente, Hella Schlumberger, ao chegarem ao aeroporto de Dusseldorf. Spínola levava óculos escuros, em vez do habitual monóculo, e estava acompanhado pela sobrinha, Luisa Campos Coelho.

"Era incrível e na verdade embaraçoso ver como um homem culto pode ser tão facilmente enganado", comentou o advogado Meinecke, acrescentando que Wallraff levava escondido um mini-gravador, com o qual registou toda a conversa.

Durante o almoço, nos arredores de Dusseldorf, Spínola teria afirmado que o MDLP dispunha de mais de cem mil homens e que a missão do movimento é a aniquilação das brigadas internacionais. A "Stern" acrescenta ainda que os dois ajudantes referidos teriam calculado o "putsch" para Maio ou Junho. Por sua vez, Wallraff revelou ter inicialmente estabelecido contactos com elementos do MDLP em Braga, fazendo-se passar por elemento afecto a organizações extremistas, sob a identidade de "Hans". Segundo o jornalista, na realidade ligado a um partido de esquerda, os elementos contactados em Braga ter-lhe-iam garantido contar com três homens de confiança no Conselho da Revolução, bem como contactos estreitos com um dos partidos políticos.

REPERCUSSÕES NA SUÍÇA

As autoridades suíças investigarão a notícia de que o antigo general António de Spínola, actualmente a viver em Genebra, efectuou uma visita secreta à Alemanha Federal, para procurar

armas para um golpe em Portugal, anunciou o ministro da Justiça e da Polícia.

O informador do ministério declarou que funcionários federais investigarão se o antigo chefe do estado português violou os regulamentos suíços sobre as actividades autorizadas a estrangeiros a viver na Suíça.

Acrescentou que geralmente estrangeiros são autorizados a desenvolver actividades políticas, desde que não afectem a segurança interna da Suíça, nem prejudiquem as suas relações externas.

Não há lei que especifique os limites de acção permitidos a estrangeiros, mas o parlamento elaborou linhas mestras em 1966, segundo aquele informador.

Ainda segundo este informador, Spínola foi informado das regras quando chegou ao aeroporto de Genebra, ido de Paris, em 7 de Fevereiro passado.

Acrescentou que o ex-general, que possuía documentos de identificação brasileiros, continuava no Cantão de Genebra.

O ex-general partiu de um hotel de luxo nos arredores de Genebra há cerca de um mês para destino desconhecido. Não foi possível contactar com ele para comentar a notícia da revista alemã.

A expulsão é a pena normal aplicada a um estrangeiro que se verificou ter-se empenhado em actividades políticas não permisíveis.

No mês passado o governo suíço rejeitou afirmações do deputado socialista Jean Ziegler de que Spínola usava território suíço para agitação política, por meio de um grupo militar clandestino.

Na altura, o governo declarou não ter informações sobre a existência de tal grupo. O ex-general Spínola tinha-se mantido afastado da política desde que chegara a Genebra e não havia fundamento para o expulsar, acrescentou o governo.